

# RUBEM AZEVEDO LIMA

## A soberania em perigo

CORREIO BRAZILIENSE

15 SET 1997

O presidente Fernando Henrique deu a *Veja* longa entrevista, que, talvez por ter sido publicada no dia em que a princesa Diana era sepultada na Inglaterra, não teve a atenção merecida. Na abertura, o entrevistador mostra certa simpatia pelo entrevistado. Curiosamente, duas ou três semanas antes, *Le Nouvel Observateur* republicara, para leitura de férias de seus leitores, entrevista que Hitler dera, há sessenta anos, a Bertrand de Jouvenel, futuro especialista em prospectiva, apresentado agora pelo semanário como ex-simpatizante do chefe nazista.

Existem várias coincidências entre essas entrevistas, como, por exemplo, a convicção dos dois entrevistados de estarem certos sobre os rumos políticos que cada qual impôs a seus paíes.

Mas, como o próprio FHC diz, em tempos de globalização o que importa é a diferença. Por isso, ele se declara homem da esquerda *moderna* e se queixa da esquerda *antiquada*, que, a seu ver, não oferece opções à realidade globalizadora. FHC conta que enviou a cada país do Grupo dos Sete (agora G-8, com o ingresso da Rússia no clube dos ricos) críticas à globalização, mas

que não foram acolhidas. O foro para debater as aberrações da globalização, particularmente benéficas aos países ricos, talvez não fosse a mesa de reuniões do G-8, mas a ONU. De qualquer modo, o presidente foi injusto com as esquerdas que lhe fazem oposição. Na linha esquerdista por ele atacada, *Le Monde Diplomatique*, de agosto último, publica artigo de Semir Amin, economista e diretor do Foro do Terceiro Mundo, sobre economia pura. "Essa", diz ele, "é uma pseudociência, adotada como ideologia do totalitarismo da globalização. Tem por base uma escroqueria intelectual." Infelizmente, porém, políticos que se dizem democratas apóiam tal ideologia.

Para inteirar-se de algo ainda mais grave, sobre a face cruel da geopolítica da globalização, o presidente devia ler trabalho publicado pelo semanário *The Nation* (4.8.97), sob o título "Privatizing War", de Ken Silverstein, jornalista de reportagens investigativas, que por certo lhe agradariam, por serem "defesas radicais da democracia", julgadas hoje indisponíveis por FHC.

Segundo Ken, o governo dos EUA transferiu para empresas pri-

vadas nacionais, de assistência militar, como a Siac, a Vinnal, a Betac, a Military Professional Resources Inc. (MPRI) e outras, a missão de preservar, veladamente, os interesses americanos, em países que praticam o neoliberalismo. Tais empresas contratam mercenários e formam exércitos, que agem com conhecimento da Defense Intelligence Agency (DIA), na execução de programas "ligados a objetivos políticos externos dos EUA". Se criarem algum incidente político-militar, ao intervirem nas questões internas de outros países, as autoridades americanas dirão que nada podem fazer para inibi-las, devido às regras do livre comércio. E ponto final. Isso é a terceirização da guerra. A privatização para destruir resistências ao neoliberalismo, no Terceiro Mundo, o que põe o Brasil na linha de tiro político-militar do recolonialismo. Cabe ao governo — ou devia caber-lhe — denunciá-la, para que o belicismo e seus aproveitadores não desembarquem no país. Com a palavra FHC, que admite existirem coisas boas e ruins na globalização. A ameaça à soberania nacional por certo não está entre as primeiras.